

RENASCENÇA¹

A JOAQUIM MOREIRA.



VEJO, com a mais íntima alegria, que a *Renascença* renasce! *Renascença* ou *Nascença*? perguntava-me Unamuno, numa carta, algum tempo depois do aparecimento d'*A Águia*. Criou-a Álvaro Pinto, director económico da *Renascença*, regressado da Madeira, com alguns cobres, que ele sacrificou à Literatura. Aquele título foi sugerido pelo Poemeto, *A Morte da Águia*, de Jaime Cortesão, publicado pouco antes. Esta águia, morta em verso e, por isso mesmo, cheia de vida, continuou a voar, com a revista do seu nome, nas garras, em pleno céu lusitano. E chocou, sob o calor das suas asas, alguns talentos literários de primeira qualidade: Mário Beirão, Leonardo Coimbra, Afonso Duarte, Jaime Cortesão, Fernando Pessoa, António Sérgio, Raul Proença, Raul Brandão, Augusto Casimiro, Vila-Moura, Pina de Moraes, e matemáticos como Augusto Martins, uma das criaturas de maior valor

¹ Encabeçadas com este mesmo título, algumas palavras de Pascoaes abriam o primeiro número da segunda série d'*A Águia*. A elas seguiam dois sonetos de Mário Beirão, o primeiro dos quais dedicado a Vila-Moura. Coincidência não preparada permite-nos abrir de modo idêntico este volume especial de PORTVCALE — (N. da R.).

e simpatia que encontrei, neste mundo! Lembro-os a todos, nesta hora, comovidíssimo! Até às lágrimas? Sim, até àquele ponto em que a nossa comoção, elevando-se, arre-fece, e cai, sobre si mesma, em brando orvalho. Vivíamos, então, na mais entusiástica e alvoroçada intimidade! É que a todos animava um desejo superior: integrar o génio português nas suas qualidades originais, para que a obra da República, já ré do maior crime praticado contra a nossa Língua, resultasse profundamente portuguesa, e não estrangeirada, como os tempos da monarquia, quando o Eça, com elegante lividez monocular, alumiaava irònicamente, à parisiense, os passeios da Garrett; e os padres subiam os degraus do altar, subordinados a Roma pelo Dom Afonso Henriques! Ou como súbditos não profanos dum sacro César! Que o Império romano transfigurou-se em Romania, e os templos romanos em românicos. A conversão do romano em românico, eis toda a obra dos Bárbaros. Os bárbaros caíram, no Império, como enorme quantidade de carvão numa fornalha, que, parecendo apagar o lume, aumenta-o imensamente. E tivemos a Renascença. Por isso foi baptizado com este nome o *Movimento Literário do Porto*. Como Apolo ressurgiu, através de Cristo, era nosso intuito ressuscitar a *Alma Pátria*, essa *frol do verde pino*, através de flores estranhas ou de estufa.

A atenção que principia a merecer, actualmente, a obra da *Renascença* era de esperar, porque ela inclui uma *ideia verdadeira*. E a verdade vem sempre à tona... E é certo que essa *ideia*, sendo genuinamente lusíada, vai mostrando ao mundo a nossa personalidade original, isto é, o nosso próprio conceito da vida e da existência.

Há quem julgue tal ideia uma simples criação do meu

espírito. Nunca concordei com semelhante doutrina. De resto, se a minha aldeia é Portugal, como é Universo o nosso planeta, também a minha alma é alma pátria. Nem eu teria tal ideia, se não fosse português! E eu sou português, tanto em carne e osso, ou no presente, como em fantasma, ou no passado, tanto no *Livro da Vida*, ou de São Paulo, como no *Livro dos Mortos* ou de Sesóstris.

A flor semeada por Dom Diniz tentou frutificar... Se tenho alguma responsabilidade, neste acontecimento, é apenas de carácter outonal...

TEIXEIRA DE PASCOAES.